

O tratamento rigoroso dos dados, a clareza dos conceitos e uma imponente bibliografia de nada menos que 1035 títulos atestam a competência do autor e fazem deste livro, além de uma contribuição original à interpretação dos dados arqueológicos e à teoria antropológica, uma obra de referência extremamente útil. Caberá aos especialistas de cada área avaliar o acerto das interpretações do autor e o grau e em que medida os dados arqueológicos sustentam a tese da pressão demográfica como fator determinante do aparecimento da agricultura. O livro de Cohen poderá ser, e certamente será questionado, mas é uma leitura obrigatória para todos os que se interessam pela história do processo civilizatório e, no fundo, pela natureza humana.

Antonio Porro

*

Fundação Nacional de Arte (FUNARTE). Instituto Nacional de Artes Plásticas. *Museu Paraense Emílio Goeldi*. Rio de Janeiro 1981. 208 páginas, illus. (Coleção Museus Brasileiros, 4).

Para quem se dedica a estudos de cultura material ou de arte indígenas, a iconografia é imprescindível. Para os especialistas das duas áreas a boa fotografia pode tornar-se instrumento fundamental de análises e comparações em vista da impossibilidade de dispor sobre a mesa de trabalho todos os objetos concretos sobre os quais incide sua reflexão. Para essa categoria de pesquisadores, ilustrações fartas de alto nível técnico constituem verdadeiras chaves da felicidade. Livros são textos, e a ilustração em geral ancilar. Daí a dependência daqueles gêneros de publicação em que a imagem é valorizada. Entende-se a corrida por um calendário do tipo editado pela Mercedes-Benz do Brasil para 1982, focalizando a arte plumária do Brasil através de 12 artefatos lindamente reproduzidos a cores e acompanhados de ficha técnica; ou o livro brinde da Olivetti do Brasil em 1978, *Mitopoemas Yanoam* com material fotográfico e desenhos de índios recolhidos por Claudia Andujar. É claro que essas produções da grande empresa não se destinam à pequena comunidade de estudiosos: tanta é a distância entre as duas que apenas o acaso estabelece vez por outra uma comunicação. O que é pena, se lembrarmos das milhares de fotos que os etnólogos trazem do campo, sem esperança de publicar, das centenas de desenhos espontâneos de índios, alegres, coloridos, reveladores, cujo destino é uma ou outra sala de aula, uma pasta, uma gaveta.

É na publicação-imagem que o objeto, para ser fotografado, emerge por instantes dos depósitos de museus ou da sala de visita dos colecionadores particulares oferecendo-se aos olhos de todos. Também a FUNARTE o conseguiu: a revelação do objeto, através da fotografia a cores de 37 peças arqueológicas e 43 artefatos etnográficos do rico acervo do Museu Paraense Emílio Goeldi. Fotos nítidas, belas, que permitem estudos de várias ordens. Menos feliz foi a idéia da reprodução parcial

dos artigos de Mário F. Simões (Fases arqueológicas brasileiras) e de Eduardo Galvão (Áreas culturais indígenas do Brasil) para figurarem como intróitos dos dois conjuntos de objetos. Aleijados, perderam a força que têm em sua inteireza e não cumprem a função de visão panorâmica que se pretendia num livro de divulgação. O artigo de Luiz Miguel Scaff, "A lição de coisas do MPEG", traçando em largas pinceladas a história da instituição, também está fora de lugar numa publicação desse gênero, apesar de seu valor intrínseco. Mais adaptado ao espírito da obra e, quer-me parecer, ao da Coleção Museus Brasileiros, é o trabalho de Lélia Coelho Frota, "A cultura material do índio brasileiro: um objeto de conhecimento" (pp. 23-60). Com recurso a uma bibliografia antropológica bem selecionada, a autora tenta uma síntese difícil a que um antropólogo ainda não se arrisca e que provavelmente não o satisfaça. Não obstante, vindo de pessoa versada em crítica de arte, configura-se numa ótica diferente a espicaçar a curiosidade do estudioso de arte indígena ou de cultura material pelo possível filão a ser explorado.

Mas o grande mérito da publicação reside mesmo nas fotografias. A seleção das peças arqueológicas foi brilhante em sua variedade de formas, procedência e cor. Na secção etnográfica sente-se a dificuldade que a escolha causou, principalmente porque presidida pela louvável preocupação de não incluir apenas o espetaculoso. E o remo, o tipiti, a rede, a aljava, o abano, a peneira não tem o impacto visual da plumária ou da cerâmica. Outro critério, o da raridade, por exemplo, talvez conferisse ao conjunto a homogeneidade que lhe falta. Surpreendo-me num pensamento injusto: só porque eu gostaria de ver as peças mais antigas do Goeldi em fotos coloridas de alta qualidade não posso desdenhar o critério adotado. É exceder os limites da crítica!

Estão de parabéns as equipes da FUNARTE e do Goeldi pela beleza que nos proporcionaram com esse livro.

Thekla Hartmann

*

CARLOS RODRIGUES BRANDÃO: *Plantar, Colher, Comer: um estudo sobre o campesinato goiano*. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1981 (Biblioteca de Ciências Sociais, Série Antropologia, v. nº 20).

A abundância não é uma condição das modernas sociedades capitalistas, dotadas ao mesmo tempo (por paradoxal que pareça) de uma poderosa engrenagem de produzir mercadorias e de um eficiente mecanismo de criar necessidades insatisfeitas. Diversos trabalhos inspirados pela Antropologia Econômica têm demonstrado que a abundância só foi alcançada pelas primeiras sociedades de caça e coleta, por expressivo número de sociedades primitivas e também por grupos camponeses que mantiveram acentuada autonomia com relação às sociedades envolventes. A frase clássica, que resume com perfeição as condições em que tais sociedades e grupos atingiram igualitari-